OS VESTÍGIOS DA BIOGRAFIA EM *O ATENEU*, DE RAUL POMPEIA: AS MARCAS DE UM "PACTO AUTOBIOGRÁFICO"

Gabriela de Castro Pereira (PIC/UEM), Weslei Roberto Candido (Orientador), e-mail: gbrcp23@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR

Área: Linguística, Letras e Artes; Subárea: Letras.

Palavras-chave: Raul Pompeia, Memória, Século XIX.

Resumo:

O presente artigo tem por escopo explorar a tênue barreira entre ficção e realidade, buscando traços de um possível "pacto autobiográfico" (2014) entre o autor e o leitor, no enigma que se criou ao longo dos anos para saber se Sérgio, a personagem do romance *O Ateneu* (1888), era o seu autor, Raul Pompeia. Sabe-se que a narrativa em questão é um texto ficcional. No entanto, é impossível negar a presença de traços autobiográficos do autor na construção do narrador-personagem da obra. Para explorar melhor esse caminho, traz-se para a discussão o conceito de "biografema" (BARTHES, 1978), na tentativa de elucidar como a ficção e a realidade se mesclam nessa narrativa híbrida, apontando para o fato de que a crise do romance, em fins do século XIX, legou para a narrativa brasileira um texto que sobreviveria à morte do autor na crítica literária e ganharia novo fôlego com os estudos das auto-ficções, dos memorialismos, dos "biografemas" e recolocaria novamente a persona ficcional do autor no centro das discussões.

Introdução

No discorrer da presente pesquisa é possível notar nitidamente que a personagem Sérgio, de *O Ateneu* (1888), tem características muito semelhantes às do autor do romance, Raul Pompeia. Diante disso, ficou clara a necessidade de compreender essa semelhança.
No entanto, para compreender a densidade psicológica de Sérgio, como um canal que "afunila" a realidade e a ficção; é preciso buscar entender a mente de Raul Pompeia, um jovem que buscava justiça em meio a um Brasil prestes a contemplar a abolição da escravatura e a proclamação da república. Pompeia se tornou jornalista e cartunista, autor de críticas ligadas aos movimentos revolucionários da época. E também buscar compreender por que o autor escolheu redigir um texto que contém um caráter autobiográfico que coloca em dúvida a própria diegese.

Materiais e métodos

Para a realização dessa pesquisa analítica, foram destacados pontos em comum entre Sérgio e Pompeia. A partir disso, não se pode negar que fatos presentes na narrativa constam na biografia do autor, no entanto, não são todos, por isso não é possível alegar que o protagonista e Raul Pompeia são a mesma pessoa, mas sim que o autor utiliza "biografemas" (BARTHES, 1978, p.9) de suas experiências no colégio interno que esteve, para assim expressar as vivências de Sérgio. É importante ressaltar que não é possível discernir quais partes do romance são ficção e quais realmente foram vivenciadas por Pompeia.

Quanto ao "pacto autobiográfico" (LEJEUNE, 2014, p.26), pode-se perceber que o autor não o cumpriu, uma vez que o nome do protagonista não é Raul, e sim Sérgio, e por isso não é possível afirmar que *O Ateneu* é uma autobiografia, pois é tido como critério que a narrativa seja sobre a mesma pessoa cujo nome está marcado na capa como autoria. No entanto, esse fato nitidamente não acontece.

Sendo assim, *O Ateneu* se enquadra na classificação de romance, algo que segundo Georg Lukács (2000, p.83), o romance na forma biográfica supera a má infinitude, trazendo sentido a sua vida, em uma trajetória para o autoconhecimento, articulando cada elemento a personagem central "e ao problema vital simbolizado por sua biografia".

Resultados e Discussão

Ao considerar que Raul Pompeia utilizou traços de suas vivências no colégio para criar a história de Sérgio, quando o pai de Sérgio o diz nas primeiras linhas d'*O Ateneu* "Coragem para a luta" (POMPEIA, 1996, p.1), há o início a uma jornada para o autoconhecimento, que Raul Pompeia precisava desempenhar para só assim compreender a matriz da sua infelicidade. Porém, ele só fez essa auto-análise quando já adulto. A partir dela pôde rememorar o início traumático da sua imersão social, que era vista, por Sérgio, como opressora e desagradável, momento após momento. A única que não o fazia se sentir assim no colégio era D. Ema, ao contrário do diretor Aristarco, o qual se mostrou uma figura opressora desde o primeiro capítulo, e que no último é colocado de maneira abatida, na ilustração de Pompeia, mostrando o sucesso do objetivo de Sérgio no Ateneu. Pois só quando o Ateneu findou em chamas, é que Raul Pompeia-Sérgio pôde se curar do contato com a sociedade doente com a qual conviveu. Pois, se o Ateneu for considerado o Colégio Abílio, uma instituição do Império brasileiro, o qual estava em decadência, devido aos movimentos favorecedores a república – dos quais Pompeia era favorável e ativo neles –, proclamada um ano após a publicação d'*O Ateneu*; pode-se compreender que o autor não tolerava fachadas – manter informações encobertas –. Isso fica claro com o seu suicídio, sete anos após o lançamento da obra, o qual foi motivado pela impossibilidade de manter sua honra ao responder a crítica de Murat, que nenhum jornal aceitou publicar a resposta. Raul Pompeia,

uma figura militante, que não aceitava injustiças, ao se ver injustiçado e humilhado por Murat, matou-se no Natal com um tiro no coração.

Figura 1 – Ilustração feita por Raul Pompeia e publicada na primeira edição d'*O Ateneu*, que mostra claramente a derrota de Aristarco junto com os escombros de sua instituição, depois do incêndio.

Conclusões

Diante do exposto, foi possível compreender o que Bosi (1999, p.185) explica, que o incêndio não foi suficiente, e que ele também simboliza "uma recusa selvagem daquela vida adulta que começa no internato". E o que torna difícil acreditar que tudo o que foi narrado é que a "vantagem do romancista [é que ele] pode ser também o juiz final, manipulador do apocalipse." (BOSI, 1999, p.185).

Agradecimentos

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.
A Universidade Estadual de Maringá, seu corpo docente e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado que acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.
Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados que aqui não nomeio, mas que terão meus eternos agradecimentos. Em especial, destaco o Prof. Dr. Weslei Roberto Candido, a quem agradeço também pela orientação, apoio, confiança, paciência e empenho dedicado à elaboração deste trabalho.
Agradeço a minha família pelo amor, incentivo e apoio.

Aos meus amigos, que são a minha segunda família, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade.
A todos que de maneira direta ou indireta fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Referências

BARTHES, Roland. **Roland Bathes por Roland Bathes.** Edições 70, Rio de Janeiro, 1978.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 34ª Edição, Editora Cultrix, São Paulo, 1999.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet.** 2ª Edição, Editora UFMG, Belo Horizonte, 2014.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. 1ª Edição, Editora 34, São Paulo, 2000.

POMPEIA, Raul, **O Ateneu**. 16ª ed. Ática, São Paulo, 1996.